

“Isto não é Tebas, isto é Brasil”: A travessia da pandemia na poética de Alberto Pucheu

Taise Teles Santana de Macedo (PPGLITCULT/UFBA)*

<https://orcid.org/0009-0005-0487-9563>

Resumo:

Esta proposta discute como o repertório da pandemia da Covid-19 está presente no “Poema para a catástrofe do nosso tempo”, publicado, em 2020, no livro *vidas rasteiras*, do poeta e artista Alberto Pucheu, um poema-livro dividido em vinte e uma partes cuja narrativa, tecida recentemente sob a égide da crise sanitária mundial, estampa a catástrofe que se abateu sobre o Brasil. A atmosfera trágica se sucede desde 2016, quando uma presidenta foi retirada do seu cargo por meio de um “golpe teatral”, repercutindo, em 2018, quando um Midas às avessas, um partido político e uma ideologia autoritária e de extrema brutalidade assumiram o poder. Ao pensar o Brasil contemporâneo, Pucheu adota uma visão da ascendente queda de um país para refletir sobre os acontecimentos atuais. Diante de um contexto fúnebre, “Poema para a catástrofe do nosso tempo” alavanca imagens de dor, de morte e de perdas que figuram o drama existencial vivenciado por brasileiras e brasileiros tanto em decorrência do coronavírus quanto da inoperância do Estado perante tal tensão sanitária.

Palavras-chave: Catástrofe; Pandemia; Poema; Pucheu.

Abstract:

“This is not Thebes, this is Brazil”: Crossing the pandemic in the poetics of Alberto Pucheu

This proposal discusses how the repertoire of the covid-19 pandemic is present in “Poema para a catástrofe do nosso tempo”, published in 2020 in the book *vidas rasteiras* by the poet and artist Alberto Pucheu; a poem-book divided into twenty-one parts whose narrative, recently woven under the aegis of the global health crisis, prints the catastrophe that has befallen Brazil. The tragic atmosphere has been going on since 2016, when a female president

* Doutoranda no Programa de Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia (PPGLITCULT/UFBA). Mestre em Estudo de Linguagens pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Possui Especialização em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), graduação em História pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e graduação em Letras - Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa- pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2362103816233455>. E-mail: [taiseletes@yahoo.com.br](mailto:taiseteles@yahoo.com.br).

was removed from office through a “theatrical coup”, with repercussions in 2018, when an upside-down Midas, a political party and an authoritarian ideology of extreme brutality took power. In thinking about contemporary Brazil, Pucheu adopts a vision of the rising fall of a country to reflect on current events. Set against the backdrop of a funeral, “Poema para a catástrofe do nosso tempo” leverages images of pain, death and loss that depict the existential drama experienced by brazilians as a result of both the coronavirus and the state’s inaction in the face of such health tensions.

Keywords: Catastrophe; Pandemic; Poem; Pucheu.

Introdução

Amanhã não será um dia melhor do que hoje, que não é um dia melhor do que ontem. Há um sentimento fúnebre no ar [...] (Pucheu, 2020, p. 94).

Brasil, 2020. Estávamos em plena onda de flagelo ocasionada por uma doença desconhecida. Os cientistas e as autoridades sanitárias mundiais, atônitos, corriam contra o tempo para descobrir qual cepa do coronavírus havia infectado os seres humanos, provocando a denominada síndrome respiratória aguda grave. Espalhando-se por países mundo afora, o vírus SARS-CoV-2 circulava, rapidamente, apesar de todos os esforços de contenção tomados pelos dirigentes de países acometidos pela peste.

Diante da novidade, os indivíduos se viram, cotidianamente, atravessados por uma outra linguagem: quarentena obrigatória, uso de máscaras, trabalho remoto, lavagem de mãos e de utensílios, para citar algumas das expressões que se tornaram comuns. E, frente a esse contexto, as pessoas tiveram que se adaptar à nova realidade em prol da preservação da vida e da comunidade.

A arte, ou melhor, a literatura, não se eximiu em tocar nesse novo cenário de tristezas. Apesar de as atividades terem ficado em suspensão, tanto em universidades como em escolas, entre outras instituições dos setores público e privado, passamos a

desenvolver nossas tarefas dentro de casa, de modo remoto ou *online*. Juntando-se a isso, o contexto brasileiro mostrava-se ainda mais preocupante, pois, além de lidar com uma crise sanitária, estávamos, também, perecendo numa crise política.

Em 2018, o país elegeu um grupo autoritário afeiçoado à ideologia da extrema-direita, o que já nos colocou em estado de risco. No decorrer da pandemia, parecíamos navegar contra a corrente: enquanto os demais países adotavam medidas cautelosas e eficazes no combate à pandemia, o Brasil, representado pela figura do ex-presidente, postergava em comprar vacinas, afrouxava o isolamento social, debochava de pacientes infectados pelo coronavírus.

Atenta a todo esse escárnio, a poesia não se calou. Como uma resposta a esses tempos sombrios, vários artistas, intelectuais e escritores elevaram suas vozes e corpos, emitindo gestos de resistência. Um exemplo disso é o “Poema para a catástrofe do nosso tempo”, do professor e poeta Alberto Pucheu. Publicado em 2020, esse poema-livro usa, como mote para seus versos, a matéria disponível da recente história mundial, a pandemia do coronavírus, e, também, o tenebroso cenário do Brasil de 2020, que estava marcado pelo descaso do ex-presidente do país diante dessa crise sanitária. Ao unir poesia, política e pensamento, Pucheu exa-

mina a desordem desse Brasil coevo, apontando de que forma uma tragédia se abateu sobre nós.

Nesse sentido, este artigo tem como principal objetivo aventar os caminhos pelos quais a pandemia invade o poema pucheuteano, levando em conta que, com seu trabalho, o poeta tinha o fito de testemunhar a catástrofe que se sucedeu na história do país e do planeta, uma calamidade verificada, sobretudo, a partir do amesquinamento do humano e de inúmeras falas e gestos do ex-mandatário do Brasil que, sem nenhum pudor e zelo, atacou a todos os (sobre)viventes. Assim, a linguagem poética, em sua dimensão político-interventiva, fabula um espaço de trincheira, de contragolpe e de toca perante a imprevisibilidade do nosso tempo.

Para tanto, abordaremos a concepção do trágico no pensamento filosófico e literário para, posteriormente, por meio desse conceito, tecer uma leitura do texto poético pucheuteano, o que faremos a fim de compreender de que maneira a pandemia se hospeda no poema no intuito, também, de examinar as incertezas, os acasos e as instabilidades que a poesia proporciona quando em atrito com o nosso cotidiano e com a nossa realidade naquilo que eles têm de extenuante e de espantoso.

Alberto Pucheu, poeta e professor de Teoria Literária da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), trama seu projeto de escritura por um desguarnecimento de fronteiras: não há uma dicotomia entre os gêneros literários (poesia x prosa, por exemplo); pelo contrário, o que há é a exploração da potência de um gênero no interior do outro. Dentre seus inúmeros livros de poesias, seus ensaios teórico-críticos e documentários, encontramos um artista que cartografa os impasses do nosso tempo, fun-

cionando como um sismógrafo ao detectar os movimentos, as nuances, os fragmentos e as incompletudes que inundam a vida.

O trágico em(cena)

“[...] Ficar em casa/ é coisa de covardes/ Essa é uma realidade, o vírus/ ‘tá aí./ Vamos ter que enfrentá-lo,/ mas enfrentar como homem, porra./ Não como um moleque” (Pucheu, 2020, p. 118). Esse é um dos trechos de “Poema para a catástrofe do nosso tempo”, que recupera uma das muitas declarações saídas da boca do ex-presidente do Brasil durante a pandemia. Nesse período crítico, ficamos à mercê de um governo que lutou a favor da morte, da disseminação do vírus e da contaminação em larga escala. Ao decidir por isso, todos nós estávamos sob a égide de uma tragédia.

Apesar de não estarmos em Tebas, a tragédia da terra *brasilis* nos aproximou do mundo ático, uma vez que estavam, no palco, elementos que envolviam morticínios, dores, terror. Uma das partes da tragédia, segundo Aristóteles (2003), na *Poética*, é a existência da catástrofe, momento no qual a peça trágica desmorona, encaminhando-se para seu terrível final. Esse gênero literário, que surge no século VI a. C., instaura, nas festas públicas das cidades, uma forma de expressão que traduz aspectos da experiência humana e da formação de um homem interior, de um sujeito perpassado por excesso de sofrimento e suscetível aos desígnios dos deuses. Segundo os historiadores Jean-Pierre Vernant e Pierre Vidal-Naquet (1999), a tragédia expõe um homem perturbado por seus conflitos, imerso num universo de valores ambíguos, onde a instabilidade é a marca central. Parece-nos que esse gênero se adequa a uma sociedade em que uma cisão está acontecendo e, no caso particular helênico, se situa no confronto entre

as tradições míticas e heroicas e um novo modo de pensamento, tensão que marcam o advento do Direito no seio da *polis*.

Quando pensamos em tragédia, já associamos a ela a ideia do “trágico”. Todavia, a visão trágica do mundo é moderna, empregada a acontecimentos fatais ou a calamidades da vida. Na Grécia, quando se tratava de um evento “trágico” remetia-se, de imediato, ao acidente envolvendo Édipo e Laio, ou seja, à literatura. Como nos alerta o pesquisador Glenn W. Most (2001, p. 23), raramente situações tristes eram acompanhadas do adjetivo “trágico”. Em tais casos, *tragikon* “descreve, na maioria das vezes pejorativamente, algo ou alguém que excede, ou, especialmente, quer exceder, as normas humanas comuns aplicadas a todos os outros.”

Posto isso, conforme Aristóteles (2003), a tragédia pertence ao gênero dramático e representa a imitação da ação do caráter de homens elevados (nobres, reis, lideranças de Estado, heróis), encenada por atores de teatro, cujo objetivo é suscitar terror e piedade, a fim de que ocorra a purificação de emoções. Um dos elementos mais importantes desse drama trágico é a trama dos fatos, o conflito, por assim dizer, pois o que se imita são as ações, não os homens. O tom elevado da tragédia se resguarda na mímese direta de temas considerados eternos.

Para Aristóteles (2003), o componente trágico na obra de arte se substancia na interligação das ações e dos fatos que geram o terror e a piedade, ou seja, é no próprio desenrolar do mito que esses sentimentos são tecidos. As ações catastróficas, assim, devem se suceder, segundo esse filósofo, mantendo-se o mito em sua versão tradicional, a exemplo de Medeia, de Eurípedes, que mata os filhos conscientemente, ou como ocorre em *Édipo*, de Sófocles, em que os atos de malvadez são executados sem que o sujeito

saiba da relação de parentesco, que só é revelada posteriormente. Com relação a isso, conforme Aristóteles (2003, p. 122): “age ou não age o ciente ou o ignorante.”

A essência da tragédia reside, portanto, no conflito entre dois polos: inocência e culpabilidade, lucidez e cegueira. Ao mesmo tempo em que é culpado, Édipo é inocente, uma vez que não sabia que iria matar seu pai e se casar com sua mãe. Vítima de uma maldição ancestral, ao herói sofocleano não restava escapatória a não ser atravessar, em agonia, o destino do qual fazia parte.

Ao abordar um estudo sobre a arte da tragédia, Albin Lesky (1996) destaca como os gregos não desenvolveram uma teoria sobre o trágico. Esse elemento aparece, sim, no drama plasmado helênico, contudo não é articulado a uma concepção de mundo como um todo. O trágico, enquanto categoria estética e princípio filosófico, nos é possível, segundo esse estudioso, quando expressamos a sensação de sermos atingidos pelo caso funesto/nefasto/sinistro que se apresenta. É o que se denomina de possibilidade de relação com o nosso próprio mundo.

A noção do conteúdo trágico elaborado por Lesky (1996) descende da tragédia grega, porém se distancia dela quando tal estudioso não reconhece o trágico como algo incondicionalmente irremediável. Em algumas peças trágicas clássicas, como *Oréstia*, de Ésquilo, não há um despedaçamento do homem, mas uma conciliação, um desfecho feliz. A própria falta de escapatória colocada por Aristóteles (2003) quando pontua os fins catastróficos da tragédia não pode, nas palavras de Lesky (1996, p. 38), ser tomado como um ponto em definitivo, visto que “esse conflito, por mais fechado que seja em si mesmo seu decurso, não representa a totalidade do mundo”. Além disso, esse filólogo aponta que “a concepção de essência do

trágico é, ao mesmo tempo, uma boa dose de visão do mundo” (1996, p.54), o que não se prende, necessariamente, à forma artística da tragédia ática.

A filosofia do trágico se estabelece, principalmente, por meio de escritores e poetas alemães que, ao invés de se debruçarem sobre os efeitos da tragédia, se voltam para o fenômeno do trágico. Segundo Peter Szondi (1994) em seu *Ensaio sobre o trágico*, os pensadores do idealismo alemão traçaram uma noção de trágico pelo viés do dualismo de vetores metafísicos ou ontológicos, a exemplo do filósofo Schelling, ao postular que, pelo conflito entre vontade de liberdade e necessidade de viver o sofrimento, o herói trágico se coloca como seu próprio adversário: “o vencedor é igualmente o vencido; o vencido, o vencedor” (Szondi, 1994, p. 18).

Na esteira dessas discussões, o poeta e filósofo Hölderlin, citado por Szondi (1994), defende que a significação da tragédia seja compreendida pelo paradoxo, ou seja, na medida em que o herói trágico nada tem a fazer e será aniquilado pela natureza, ele se torna insignificante. Contudo, por meio da morte a existência desse herói apresenta alguma significação. Dessa maneira, para Hölderlin, esse conflito que se dá entre natureza e arte (entre Deus e homem) realiza-se, então, na tragédia, quando “o homem é colocado como signo em si mesmo insignificante” (Szondi, 1994, p. 20).

Seguindo as variações da concepção do trágico, em *O nascimento da tragédia*, escrito em 1872, o jovem Nietzsche (2020) se debruçou sobre a arte trágica e sua composição, enfatizando como o coro (a música) se constituiu no espírito da tragédia. Nesse primeiro momento, preocupado em tecer críticas ao racionalismo de Sócrates e de Platão e a toda a influência desse pensamento na

civilização ocidental, Nietzsche (2020) postula que o pensamento racional e teórico sócrático sucumbiu à tragédia devido ao seu caráter lógico, por desconsiderar o poeta trágico, acusando-o de não saber o que faz. Cabe lembrar que esse livro é escrito após a Guerra Franco-Prussiana (1870-1871), que teve como consequência a fundação do Segundo Reich (império) alemão com a derrota da França e as imposições humilhantes do Tratado de Versalhes, o que, mais tarde, seria um dos pivôs da Primeira Guerra Mundial. Portanto, nessa obra, esse pensador faz uma celebração da arte diante de um mundo caótico que depositava na razão toda a sua crença.

Para Nietzsche (2020), a arte da tragédia se amparava em dois impulsos artísticos de natureza antagônica, configurando-se como dionisíaca e apolínea.

A seus dois deuses da arte, Apolo e Dionísio, vincula-se a nossa cognição de que no mundo helênico existe uma enorme contraposição, quanto a origens e objetivos, entre a arte do figurador plástico [Bildner], a apolínea, e a arte não-figurada [unbildlichen] da música, a de Dionísio: ambos os impulsos, tão diversos, caminham lado a lado, na maioria das vezes em discórdia aberta e incitando-se mutuamente a produções sempre novas, para perpetuar nelas a luta daquela contraposição sobre a qual a palavra comum “arte” lançava apenas aparentemente a ponte; até que, por fim, através de um miraculoso ato metafísico da “vontade” helênica, apareceram emparelhado um com o outro, e nesse emparelhamento tanto a obra de arte dionisíaca quanto a apolínea geraram a tragédia ática (Nietzsche, 2020, p.27).

Nas origens do teatro grego, a tragédia remonta às celebrações em homenagem ao deus Dionísio, divindade dos vinhos, das festas, da desmesura. Eram festividades entoadas pelo ditirambo, hino composto por um coro de sátiros, que atuavam como porta-

vozes do deus Dionísio, o qual se travestia como homem e como bode, tocava tambores, liras e flautas e dançava. Com o passar dos tempos, essas festas se modificaram, a ponto de o coro do ditirambo perder espaço, fortalecendo o drama, em sentido mais estrito, de personagens no palco, que, com suas máscaras, experimentavam o despeçamento e a desintegração do indivíduo. Isso, para Nietzsche (2020), representava o verdadeiro sofrimento dionisíaco.

Percebe-se que a força da tragédia helênica se depositava no coro, uma vez que este “retrata a existência de maneira mais veraz, mais real, mais completa do que o homem civilizado, que comumente julga ser a única realidade” (Nietzsche, 2020, p. 57). Mito trágico e música, por assim dizer, transfiguram a imagem terrível do mundo em prazer. Ou seja: as duas forças – dionisíaca e apolínea – se erguem em reconciliação, fazendo com que a vida seja encarada de frente, sem subterfúgios e aparências. Dessa maneira, a afirmação da vida na concepção do trágico nietzschiano pauta-se, primordialmente, por um ir ao encontro do terrível, da dor, do sofrimento do mundo, sem negar o sombrio e o tenebroso da vida. Assim, o espectador enxerga e vivencia o sofrimento como parte integrante da vida, como postula Nietzsche (2020), ao tecer considerações sobre a sabedoria da arte trágica.

“Há um sentimento fúnebre no ar”: a catástrofe do nosso tempo

O poeta, professor e artista Alberto Pucheu escreve seu “Poema para a catástrofe do nosso tempo” nos idos de 2018-2020, período em que fomos surpreendidos por um cenário político turbulento e pela pandemia mundial do coronavírus. Ao longo desses versos, adentramos num universo virulento

e derradeiro diante de uma onda crescente de mortes e de uma atmosfera de terror e caos provocada pela inapetência do governo federal brasileiro que, sem nenhum pudor, deixava a população à mercê de uma doença tão misteriosa.

Nesse sentido, tal poema amontoa uma série de declarações, tanto do ex-presidente como de outras personalidades políticas, proferidas desde o transcorrer do processo político de 2018, quando ocorreram as eleições presidenciais, até o contexto da pandemia da Covid-19. Nesse longuíssimo texto poético, Pucheu se comporta, em verdade, como um pensador do contemporâneo que, agindo em cooperação e em coparticipação com o espectador ativo ou com o público leitor, faz uma análise crítica e interventiva sobre o Brasil coevo. Publicando poesias, ensaios crítico-teóricos e documentais desde 1993, esse escritor tem se interessado, cada vez mais, por realizar uma leitura produtiva junto à/com a realidade do nosso país, ocupando-se, sobretudo, de questões que envolvem a dispersão e os recortes da ditadura militar de 64 e, também, a situação sociopolítica brasileira de 2013 até este presente momento.

Em “Poema para a catástrofe do nosso tempo”, notamos que o universo descrito é assombroso, pois, a todo instante, cenas de mortes e de perdas estão sendo narradas. Há uma dicção política e artística sobre o trágico, inclusive quando os versos lançam à mostra toda a usura de poder durante a invasão da pandemia do coronavírus, não só no Brasil como no restante do mundo. Na obra pucheuteana em análise, não é possível estancar ou represar a sangria política do nosso tempo, porque é, justamente, nele, nesse “tempo de fezes”, que experienciamos a catástrofe:

VII

Mais uma vez, é guerra. É guerra.
 É guerra, desta vez sanitária.
 Eis a guerra. Países interceptam
 máscaras, respiradores, luvas
 que iam para outros países. É guerra.
 É guerra sanitária. É guerra por lá,
 por aqui, por aí, por sei lá onde,
 por toda parte. “Estamos em guerra sanitária”,
 disse o presidente francês, “estamos
 em guerra”, “em uma guerra sanitária”,
 “não estamos lutando nem contra
 um exército, nem contra outra nação.
 Mas o inimigo está lá, invisível,
 imperceptível e avançando.
 Isso exige mobilização geral”. Esse
 mesmo presidente entende “mobilização
 geral” como confisco de equipamentos
 que iam para outros países e, ao fazer escala
 em seu país, foram apreendidos, digo,
 roubados (Pucheu, 2020, p. 134).

O sentimento fúnebre que paira no ar fica marcado pelo uso de uma linguagem explosiva, o que nos revela o caráter invasivo da pandemia: “luvas, máscaras, respiradores”, tudo isso era o *modus operandi* dos países naquele instante. Isso, também, se evidencia com a utilização frequente do termo “guerra” para se referir ao estado no qual o mundo se encontrava. Diferentemente de um conflito armado, o inimigo, aqui, era outro: um vírus invisível. E todos os países, fugindo de uma ética da vida, se armavam como podiam, inclusive confiscando equipamentos médicos que iriam para outras nações.

Os irruptivos e marcantes *enjambements*, isto é, os prolongamentos de um verso num outro sem a necessidade de respeitar a linearidade contígua dos sintagmas, a exemplo de: “em seu país, foram apreendidos, digo,/ roubados”, em que a compreensão de “apreendidos” é “completada”, ou melhor, ampliada pelo verso seguinte: “roubados”, permite que o leitor adentre num universo

de guerra, só que não de um conflito armado como, tradicionalmente, conhecemos; aqui, agora, a guerra é sanitária, é virulenta, é por interceptação de insumos e medicamentos para contenção de uma doença.

É perceptível que a poesia pucheuteana põe o leitor num jogo de atuação comunicativo ou sociointerativo, uma vez que a linguagem poética compartilha conosco um momento da atualidade vivenciado por todos. Além disso, ainda que muitas informações sejam novas, tal texto frequentemente aponta para fatos e personalidades históricas e públicas que marcaram, de alguma maneira, nossas vidas nesse último triênio. Assim, a poesia, de forma generosa e atraente, consegue capturar um conhecimento enciclopédico que a maioria dos leitores dispõe.

Segundo a linguista Ingedore Villaça Koch (2022), em *O texto e a construção dos sentidos*, para o processamento textual, um dos sistemas que operam na construção dos sentidos do texto é o conhecimento de mundo, o qual se refere às informações armazenadas na memória de cada indivíduo, sejam fatos do mundo ou experiências vividas. A partir disso, o leitor levanta hipóteses sobre o texto, cria expectativas sobre o campo lexical e produz inferências que permitem descobrir os segredos e espaços lacunares de um texto.

Assim, a poética pucheuteana convoca a participação do leitor em cada verso. Vejamos:

[...] Depois de, antes mesmo
 de ser eleito, já ter dito e repetido
 “eu sou favorável à tortura,
 tu sabes disso, e o povo também
 é favorável à tortura, “através
 do voto você não vai mudar nada
 nesse país, nada, absolutamente
 nada, só vai mudar, infelizmente,
 no dia que partirmos
 para uma guerra civil aqui dentro,

e fazendo o trabalho
que o regime militar não fez,
matando uns 30 mil... se vai morrer
alguns inocentes, tudo bem”,
“minha especialidade é matar,
não é curar ninguém”, “o erro
da ditadura foi torturar
e não matar”, “pinochet
devia ter matado mais gente”,
“vamos fuzilar a petralhada”,
o presidente, em campanha,
afirmou que o objetivo
de seu governo é fazer
com que o brasil volte
40 ou 50 anos, ou seja, volte para
os piores anos, para os porões,
para os calabouços mais sombrios
da ditadura militar [...] (Pucheu, 2020, p. 98-99).

Este excerto é composto por fragmentos de fala do ex-presidente do país, ora durante o contexto das eleições presidenciais, ora em meio à pandemia do coronavírus. Em ambas as situações, tais declarações, fragmentadas e retiradas de seu contexto inicial, isto é, de noticiários da televisão ou de postagens das redes sociais, são deslocadas para os versos no intuito de provocar efeitos de sentidos diversos, sendo um deles o de impactar o leitor, o que o poema faz trazendo a amostragem de um discurso com o qual, desde muito antes de ser eleito, o ex-mandatário já evidenciava o seu posicionamento autoritário, conservador e antidireitos humanos. Eram de conhecimento público essas suas escandalosas falas, que Pucheu aglutina no poema, como: “eu sou favorável à tortura,/ tu sabes disso”, “através/ do voto você não vai mudar nada/ nesse país, nada, absolutamente”, “só vai mudar, infelizmente,/ no dia que partirmos/ para uma guerra civil aqui dentro,/ e fazendo o trabalho/ que o regime militar não fez,/ matando uns 30 mil...”.

Além disso, o poema se entremeia num espectro sombrio, o que reverbera nas ima-

gens do “calabouço”, dos “porões” e dos “piores anos vividos” no Brasil à época da ditadura militar. Desde o início, Pucheu objetiva relacionar a memória desse passado histórico de dores e de eventos trágicos com o momento de ascensão, também trágica, do grupo associado à ideologia de extrema direita, a do ex-presidente e seus asseclas, ao maior cargo político da nação e à incursão da pandemia da Covid-19.

É como se, ao mesmo tempo, estivéssemos enlameados em duas crises: uma política e uma sanitária que, no contexto brasileiro, também era política. A tragicidade da situação do país, retratada a cada verso, crescia, conforme as mortes evitáveis pela Covid-19 se avolumavam, as vacinas não chegavam, a quarentena se afrouxava, os dados reais do número de mortos eram escondidos pelo governo federal, dentre outros dispositivos de controle. Observemos outro trecho do poema:

[...] Há milhares de nomes
que deveriam estar disponíveis
em algum lugar para sabermos
quem são os mortos diretos e indiretos
pelo vírus e, sobretudo, pelo presidente
que se aproveita do vírus para matar,
mas, além de não sabermos seus nomes,
não sabemos, tampouco, e menos ainda,
os nomes dos subnotificados, daqueles
que passam por fora dos dados
oficiais, daqueles que o governo
não testa e que, mesmo se os testasse,
esconderia o resultado de todos nós (Pucheu, 2020, p. 168).

Por esse excerto, fica claro que o poema mostra a imagem de um país em derretimento, uma nação que, paulatinamente, ia se esfacelando diante de uma política predatória e, tal como um indivíduo acometido pelo vírus, adoecia em poucos minutos, segundos, horas. Era um país que padecia por falta de ar.

Se a Covid-19 provocava um comprometimento respiratório generalizado no paciente, o governo fazia o mesmo com seus viventes: não testava a população, escamoteava os nomes dos mortos pelo vírus e os dados reais dos casos de contágio, não se interessava em adquirir vacinas, propagava o uso de medicamentos inapropriados para a profilaxia da doença. A invasão da pandemia se constituía, também, numa política de extermínio tanto contra os vivos como contra a memória dos mortos. Como assegura o poeta: “[...] não fabrica/ apenas os modos de matar, mas, agindo/ segundo uma lógica da desapareição,/ faz de tudo para apagar/ a memória dos que morrem,/ seus nomes, seus sobrenomes,/ suas histórias, algo de suas vidas, seus vestígios...” (Pucheu, 2020, p. 168).

Nesse sentido, se uma tragédia se abateu sobre nós e se no contexto brasileiro essa cena coincide com um desastre político, inferimos que “Poema para catástrofe do nosso tempo” permite-nos adentrar numa das questões fundamentais da pandemia: a possibilidade de refletirmos sobre o inesperado e o imponderável da nossa existência. Durante a expansão da Covid-19, escutávamos as pessoas discursarem sobre como a sociedade estava tendo a oportunidade de se repensar, de pôr em discussão alguns de seus valores, de se compreender melhor diante de um cenário adverso.

Se a vacina e a ciência podem curar doenças, seria possível curarmos a ferida da existência por meio do espírito científico? O poema pucheuteano retoma, em certa medida, esse modo trágico de pensar o mundo sem fazer um duelo entre ilusão e verdade. O trágico, aqui, expõe as vísceras de homens do poder, a exemplo do ex-presidente, que, na sanha de destruição dos opositores e na sede de deter a verdade, assume toda sua

fragilidade perante um contexto pandêmico-político que necessitava de um diálogo mais amistoso e menos desumano com a própria vida. Vejamos no seguinte excerto:

III

O que eu vi até o momento
é que outras gripes
mataram mais do que essa.
assim como uma gripe, outra
qualquer leva a óbito.
por enquanto, nada de alarme.
não é uma situação alarmante.
não é motivo para pânico.
Se tiver tudo redondinho
no Brasil, não vamos buscar
ninguém [na China]. Se depender
do presidente, não vamos
buscar ninguém. Custa caro
um voo desses (Pucheu, 2020, p. 111-112).

Esse fragmento, escrito, integralmente, com expressões e declarações do ex-presidente ilustra bem como há um jogo entre uma ilusão planejada pelo ex-mandatário, de fazer com que a população acreditasse que a situação da pandemia não era alarmante, mesmo diante dos dados e do número de mortos e de infectados, os quais mostravam o contrário. Em “Poema para catástrofe do nosso tempo”, Pucheu se preocupa, simultaneamente, em se aproximar de um real que é comum a todos – a pandemia da Covid-19 – e em não deixar no anonimato atitudes e gestos do ex-chefe do Brasil que, abertamente, jogou a favor da morte e do padecimento da população, isto é, da proliferação do vírus e da doença. Parece-nos que, como a peste que assola a Tebas sofloqueana, a pandemia de 2020, conforme posto no poema, nos deixou angustiados e perplexos em busca de explicações, ou, ao menos, em busca de algum sentido para o horror, o desespero e o pânico.

Nesta outra porção do poema, Pucheu procura estabelecer relação entre o contex-

to político atual e os resquícios dos anos ditatoriais:

[...] Apesar de sempre termos
tido nas famílias um tio
ou uma tia ou um primo
ou uma prima ou um pai
ou uma mãe que desejasse
a volta da ditadura ou votasse
consecutivamente
nos candidatos
forjados pela grande mídia
como salvadores, como
caçadores de marajás,
como algozes de adversários
políticos tratados, sem
provas nem escrúpulos,
como corruptos,
apesar de sabermos
do cruel conservadorismo
entranhado nas pessoas,
a verdade é que nem
de longe podíamos imaginar
essa reviravolta, esse retrocesso
sem fim, o sem fundo
do poço que vivemos (Pucheu, 2020, p. 176-177).

Através desse trecho, percebemos que o poeta recorre à imagem da ditadura militar para lado a lado com o nosso tempo, tentar responder a algumas questões que nos cercam: como produzimos, após passados trinta e oito anos de um momento autoritário e violento como foi o dos governos militares, um presidente como Bolsonaro? A pandemia, aqui tratada pelo poema, não decorre apenas da epidemia contagiosa de um certo vírus, mas é consequência, também, do retrocesso ocasionado pela fabricação de um representante como o antigo presidente do país. Para o poeta, “[...] Ao longo/ desses anos, eles se utilizaram/ de todo poder, desmesurado,/ de que são capazes”. Nesse sentido, era quase impossível ter evitado tudo isso (Pucheu, 2020, p. 179).

Aí reside o trágico: não há como fugir do

despedaçamento do ser, neste caso, do país, se o sujeito que comanda tal nação sempre esteve contra a cura, contra a vacinação, contra a vida. Pucheu faz uma leitura da catástrofe do nosso tempo a partir de dois polos fundamentais: poemas serão escritos independentemente dos contextos, se bons ou ruins, e apesar de momentos trágicos é importante manter com a vida uma intensidade afirmativa. Ou seja: mesmo com o inevitável, o assombroso e o inexorável, temos de falar, de expor, de mostrar o sofrimento e, também, de expressar como lidamos com esse elemento básico e constituinte da condição humana.

Considerações finais

Este estudo, ainda que breve, buscou discutir como a poesia brasileira contemporânea encara a realidade calamitosa que vivenciamos durante o período da pandemia do coronavírus. Apesar de ser um período traumático para a humanidade, a arte, especialmente a poesia, tratou abertamente sobre tal momento, buscando capturar seus ritmos, velocidades, riscos e volumes movediços. Pucheu, ao lançar versos com a estampa da pandemia, sem reprimi-la, acaba dizendo um sim à vida, no sentido de encarar as adversidades, o horror e os tempos sombrios sem nenhum subterfúgio.

O residual trágico que encontramos em “Poema para a catástrofe do nosso tempo”, além de um elemento que expõe o sofrimento, também funciona como um processo criativo que impulsiona o indivíduo para a resistência, para uma reação e para um “se vingar” inquietantes. Não à toa, o poema inicia com a necessidade de gritar, de berrar, ainda que tais sons não sejam escutados, e finaliza com uma vontade de romper com os poderes instituídos que esmagam a riqueza e a diversidade do país.

Se, como repete o poeta (Pucheu, 2020, p. 181) no refrão, “amanhã não será/ um dia melhor do que hoje,/ que não é um dia/ melhor do que ontem”, para além de uma constatação da instabilidade e da imprevisibilidade das coisas no mundo, há, sobretudo, uma vontade de vida que possibilita, mesmo que com seus problemas duros e estranhos, uma inesgotável fonte de potencialidades.

Referências

- ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução, prefácio, introdução, comentário e apêndices de Eudoro de Sousa. 7. ed. Lisboa: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 2003. p. 7-130.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *O texto e a construção dos sentidos*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2022.
- LESKY, Albin. Do problema do trágico. In: LESKY, Albin. *A tragédia grega*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1996. p. 21-56.
- MOST, Glenn W. Da tragédia ao trágico. In: ROSENFIELD, Kathrin Holzermayr (org.). *Filosofia e literatura: o trágico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. p. 20-35.
- NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da tragédia*. Tradução e notas de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2020.
- PUCHEU, Alberto. Poema para a catástrofe do nosso tempo. In: PUCHEU, Alberto. *vidas rasteiras*. São Paulo: Editora Bregantini, 2020. p. 95-181.
- SZONDI, Peter. Ensaio sobre o trágico. In: ROSENFIELD, Kathrin (org.). *Peter Szondi e Walter Benjamin: ensaios sobre o trágico*. Tradução de Kathrin Rosenfield e Christian Werner. Rio de Janeiro, UERJ, 1994. v. 1. (Cadernos do mestrado/literatura). p. 9-39.
- VERNANT, Jean-Pierre; VIDAL-NAQUETE, Pierre. *Mito e tragédia na Grécia Antiga*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1999. p. 1-24.

Recebido em: 20/10/2023
Aprovado em: 24/11/2023



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.